

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

A vida é feita de ciclos.

As próprias dinâmicas sociais e económicas são determinadas por esta evolução cíclica que faz com que as mudanças e as rupturas sejam a condição necessária para um novo predomínio, para um novo paradigma, para uma nova abordagem, para um novo tempo.

Tudo isto é resultado das próprias dinâmicas da Natureza que implicam que a um nascimento suceda o crescimento que acaba por decair até ao fim que coincide com o princípio de uma nova realidade.

É por isso que a Primavera sucede ao Inverno, depois do estio e do ocaso.

Por tudo isto, o próprio Homem só consegue organizar-se nesta sucessiva rotatividade em que cada fim de um

período surge sempre como uma oportunidade e desafio para realizações e sucessos do novo tempo.

É assim que, em cada fim de ano, se fala em vida nova.

A política como actividade eminentemente humana e condicionante da actividade social económica é feita necessária e naturalmente de ciclos.

Querer pensar e, pior do que isso, impor o contrário é ir contra a natureza das coisas.

O PS tem há 12 anos o Governo dos Açores.

Está a terminar um ciclo, que teve o seu arranque de novidade, teve os seus pontos altos, seguidos do desgaste natural que culmina com o fim.

O próprio Presidente do Governo reconhecendo tudo isto, porque sempre soube que isto é mesmo assim, afirmava em 1996 que só estaria no Governo 2 mandatos.

Depois, cada vez mais preso ao poder, recuava nos seus propósitos e assumia que só se recandidataria,

excepcionalmente, mais uma vez, para agora continuar agarrado ao lugar candidatando-se ao dobro do tempo que achava adequado há 12 anos atrás.

O PSD foi o protagonista do principio da Autonomia, com gente capaz, com ideais e valores próprios daquele tempo e dos circunstancialismos sócio-económicos da época e, sobretudo, com muito entusiasmo e convicção.

Alicerçou e construiu o edifício político e jurídico da Autonomia, uniu os Açores, construiu portos, aeroportos, hospitais, centros de saúde, escolas e as demais infra-estruturas essenciais para o progresso das ilhas, nas condições que criou para nos ligarmos uns aos outros e ao mundo e para podermos viver dignamente nesta terra.

O tempo e o Mundo eram outros, num ano não se fazia o que se faz hoje, os avanços tecnológicos e científicos não são os de agora e a abertura sócio-política das pessoas e das nações determinam uma diferente percepção e intervenção política.

No entanto, vinte anos foram muito tempo no exercício de funções governativas nos Açores.

Passados doze anos, em vez de aproveitar os meios ao seu dispor para os Açores darem o salto do desenvolvimento, o PS manteve-se preso ao ciclo das infra-estruturas não apostando na qualidade, nos resultados e na criação de uma sociedade açoriana evoluída, afirmativa e autónoma.

Hoje, doze anos depois, o PSD apresenta-se com outras pessoas, com ideais e princípios adequados ao novo tempo e á nova realidade que é o Mundo e, sempre, com muita convicção na afirmação de caminhos que promovam o crescimento dos Açores e melhores condições de vida aos açorianos, pronto a assumir um novo ciclo de desenvolvimento.

No final do ano passado, foi eleito o seu líder regional.

Significativamente, pela primeira vez nos Açores um líder partidário foi escolhido directamente pelos militantes.

Numa especial manifestação de participação cívica votaram perto de três mil militantes que elegeram Carlos Costa Neves com uma assinalável maioria de 67% dos votos sufragados.

Em 30 de Novembro e 1 de Dezembro últimos, realizou-se o XVII Congresso Regional do PSD-Açores, escolhendo os órgãos do partido e estabelecendo a estratégia política para os próximos dois anos.

Para além da moção global de estratégia apresentada pelo Presidente do Partido, foram aprovadas propostas temáticas da iniciativa de militantes, com abordagens decisivas para o Futuro dos Açores em áreas como a Educação, a Saúde, a Economia em geral e os transportes em particular, a coesão territorial, o poder local, o mar, a nossa relação com o mundo, as energias renováveis, o conhecimento, a participação cívica e, enfim, o papel do PSD perante os desafios deste tempo.

Assim, no final do ano passado o PSD criou as condições políticas para assumir a mudança de ciclo necessária para os Açores.

E a mudança faz-se pela diferença.

É, por isso, que o PSD assume a ruptura, a mudança de modelo de sociedade, de modelo de desenvolvimento, a mudança de atitude.

Vivemos num tempo onde dominam os ataques e elogios pessoais e escasseiam as convicções.

Vivemos no tempo da política do marketing e da imagem, da propaganda, do parecer ser em vez do ser e, muitas vezes, ao contrário do ser.

Vivemos num tempo que uns criticam os outros, quando, no fundo, querem ser iguais aos outros, na busca do poder pelo poder.

O PSD não critica o PS por querer o poder apenas para o exercer.

O PSD assume hoje, de forma clara e convicta, que não quer cair na diferença na igualdade em que por vezes se

acabam por confundir uns e outros na falta de credibilidade da política.

O PSD quer ser diferente.

O PSD quer dizer a verdade às pessoas.

A actual busca de popularidade a que alguns chamam populismo, acaba por constituir o vício de dizer aquilo que se pensa que as pessoas querem ouvir e não aquilo em que verdadeiramente se acredita.

Só pode levar-se a que os cidadãos acreditem nos políticos, quando eles próprios acreditam naquilo que dizem.

Muitas vezes, assiste-se ao receio de dizer o que se acredita porque se pode perder votos.

É este um dos maiores equívocos da política dos nossos dias.

O voto não é uma causa é uma consequência da Democracia.

A Democracia não é um fim em si mesmo, é um meio.

O Fim só é, só pode ser, o Bem Comum, as Pessoas.

É por isto que o principal não é o Voto, são as Pessoas.

É por isto que não se pode governar para o Voto, mas, sim, deve governar-se para as Pessoas.

É esta verdade das convicções que o PSD quer imprimir na política regional.

É esta dimensão humanista e personalista que o PSD quer que seja a marca do modelo de sociedade destas ilhas, com base na iniciativa dos cidadãos, na responsabilidade das pessoas e na solidariedade entre uns e outros.

É por isso que o PSD aposta na qualificação como instrumento fundamental para o desenvolvimento, na promoção da criatividade e empreendedorismo, nas

capacidades e dinâmicas das empresas, das associações e das instituições particulares de solidariedade social.

É por isto que o PSD aposta numa política de proximidade, como decisiva para a existência com sucesso das nossas comunidades e de vida em cada uma das nove ilhas.

Na Saúde é imperioso que se crie um sistema regional de saúde que funcione na resolução dos dramas de pessoas e famílias, mas que não se limite a acabar com a vergonha dos anos de listas de espera, que vá mais além, fazendo com que a nossa pequena dimensão seja argumento para a medicina preventiva, de continuidade e de proximidade.

É necessária uma nova política de transportes que promova efectivamente a mobilidade interna e com o exterior.

É essencial um ataque eficaz às dependências do álcool e das drogas.

Deve constituir prioridade a aposta na ciência e no conhecimento.

É determinante uma aposta descomplexada no desenvolvimento rural.

No apoio social e na Economia tem de acabar a subsidiodependência.

A sociedade açoriana não pode viver pela continuidade prolongada do subsídio, mas pelo incentivo e pela criação de condições à afirmação das pessoas.

Não é aceitável que, com os milhões que vêm todos os dias da Europa, com os meios que a Região tem ao seu dispor, o número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção aumente, conforme foi confirmado ainda esta semana e ao contrário do que propagandeia o Governo e o seu Presidente.

Não é aceitável a forte dependência do orçamento público.

São cidadãos, empresas e associações a depender do subsídio dado muitas vezes sem critério e sem justiça.

As próprias autarquias são manietadas na sua acção pelos apoios que recebem ou deixam de receber do Governo.

Tudo isto porque o próprio Governo depende dos subsídios que dá.

Vivemos numa Região em que o Governo depende das dependências que cria, porque entende que só assim continua a ser Governo.

É, por isto, necessário implementar um modelo de desenvolvimento e de sociedade de independência, de abertura, de igualdade, em que o Governo não esteja sempre lá em cima a dar e a dominar, que passe a estar ao lado dos cidadãos e das associações através de parcerias e de envolvimento da comunidade.

O centro da acção política tem de deixar de ser o Governo e passar para a Sociedade, para as Pessoas.

É preciso que a estratégia de desenvolvimento substitua as tácticas avulsas de satisfação de interesses.

É preciso fazer diferente, fazer outra Política.

A Política, hoje, tem de ser tanto diferente quanto diferente é a sociedade, a economia, com todas as dinâmicas que dominam o mundo.

É tempo de abertura desprendida de complexos ou preconceitos ideológicos.

Abertura ao Mundo, às ideias, ao desenvolvimento, às novas soluções.

É por isso que o PSD não tendo a responsabilidade de governar a Região não está fechado no papel de oposição mas apresenta-se aos açorianos com a abertura de alternativa para o Governo dos Açores.

Quem não é Governo não pode ser bengala nem mero destruidor do poder.

Tem de ser a diferença, a alternativa.

Quem não concorda ou não se revê na governação tem de ser a outra possibilidade de governar. É o que é o PSD.

Quem já perdeu, quem não pactua com o *status quo* instalado, quem afirma que faria diferente, são aqueles que podem apresentar-se como alternativa, porque não tendo responsabilidade no que existe têm uma diferente forma de encarar a sociedade, sem estar preso ao passado mas aberto para preparar o futuro.

Por isso, cada um tem o seu papel no exercício da Democracia, uns e outros na responsabilidade cíclica que a Natureza também confere à vida em sociedade.

No entanto, assiste-se a uma grande confusão por parte do Governo Regional que quer ser poder e alternativa ao mesmo tempo, que quer fazer coincidir o seu fim com o seu próprio principio, esquecendo que a natureza, o tempo, a sociedade e as pessoas sabem que, com este, já passaram doze anos de oportunidades e meios para fazer aquilo que não fizeram e agora prometem.

É esta a grande confusão política que condiciona e dificulta a própria acção governativa.

A Confusão entre o Governo que é e o Governo que quer ser porque tem a ânsia totalitária de ser tudo.

É, em suma, por tudo isto que está na altura de mudar de ciclo de fazer diferente, e não se pode mudar de ciclo e fazer diferente com os mesmos que são os responsáveis pelo actual ciclo do Governo da Região.

O PSD assume essa responsabilidade de fazer as rupturas, de afirmar as causas, porque o PSD só é, só pode ser, um partido de causas que assumam a sua diferença.

Para isso, o PSD quer ser uma federação de Vontades e Esperança para a Vida Nova que os Açores precisam e os açorianos merecem.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 22 de Janeiro de 2008